

Os pontos cegos da teoria de Wolfgang Iser^{*}



Maria Elvira Malaquias de Carvalho
Doutoranda/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

O blind spot, *dissertou-se muito a respeito,*
o ponto cego, é indispensável a qualquer
visão, a qualquer visibilidade. Jacques
Derrida, Pensar em não ver

Resumo:

O presente artigo trata de alguns aspectos da obra de Wolfgang Iser, teórico alemão de pouca visibilidade na crítica acadêmica brasileira. Os principais problemas metodológicos encontrados em Iser ainda não foram suficientemente documentados e analisados por especialistas e tradutores de sua obra. O artigo pretende contribuir para uma expansão do conhecimento crítico dos textos de Iser, questionando o lugar que o autor ocuparia na teoria literária contemporânea. Serão abordadas determinadas questões aporéticas que geram impasse na construção argumentativa das teses iserianas, sobretudo a partir do problema de uma consciência sem intencionalidade — postulado precário para a fenomenologia moderna.

Palavras-chave: Wolfgang Iser; teoria literária; teoria da ficção; fenomenologia.

Abstract:

This article discusses some aspects of the work of Wolfgang Iser, German theorist of low visibility within the Brazilian academic criticism. The main methodological problems found in Iser has not been sufficiently documented and analyzed by experts and translators of his work. This paper aims to contribute towards broadening the critical knowledge of Iser's texts, questioning the position that the author would occupy in contemporary literary theory. Certain aporetical issues to be addressed here generate halt with an argumentative construction of Iser's thesis, especially starting at the problem of consciousness without intentionality — a precarious assumption for modern phenomenology.

Keywords: Wolfgang Iser; literary theory; fiction theory; phenomenology.

Resumen:

Este artículo trata de algunos aspectos de la obra de Wolfgang Iser, teórico alemán de poca visibilidad en la crítica académica brasileña. Los principales problemas metodológicos que se encuentran en Iser no han sido suficientemente documentados y

^{*} Recebido em 30 de junho de 2013. Aprovado em 16 de setembro de 2013.

analizados por los expertos y traductores de su obra. El artículo ofrece una contribución para la expansión del conocimiento crítico de los textos de Iser, reflexionando sobre el puesto que el autor ocuparía en la teoría literaria contemporánea. Ciertas cuestiones aporéticas serán enunciadas, debido al estancamiento que provocan en la construcción argumentativa de las tesis de Iser, sobre todo teniendo en cuenta el problema de una conciencia sin intencionalidad — postulado precario para la fenomenología moderna.

Palabras-clave: Wolfgang Iser; teoría literaria; teoría de la ficción; fenomenología.

Uma teoria imune à crítica?

Apesar do louvável esforço de alguns pesquisadores do Rio de Janeiro, nomeadamente o grupo em torno de Luiz Costa Lima, João Cezar de Castro Rocha e Johannes Kretschmer, a obra de Wolfgang Iser continua escassamente divulgada no Brasil. O trabalho teórico de Iser é, sem dúvida, de extrema qualidade técnica, porém não consegue ser facilmente analisado pelos leitores mais experimentados.

Dentre as razões para a pouca receptividade, em nosso país, da obra iseriana inclui-se a tradicional resistência do sistema intelectual brasileiro diante da atividade teórica em sentido lato. No entanto, se a escassez de produção teórica é um dado quase incontestável no aparato investigativo nacional, também devem ser alegadas, como prováveis causas do desconhecimento de Iser no Brasil, as insuficiências de caráter metodológico que se encontram na própria teoria iseriana.

O fato de não possuir interlocução contínua, profícua e manifestamente beligerante em nosso país não pode servir de desculpa para que a obra de Iser permaneça infensa à crítica universitária. Ressalte-se que o próprio Costa Lima, enquanto

intérprete privilegiado da obra de Iser, tem preferido não esmiuçar certos problemas óbvios nas formulações do autor alemão, a quem prestou tributo em *História. Ficção. Literatura*, publicado em 2006.

Considera-se Iser como teórico paradigmático do evento chamado, a partir de seu próprio trabalho, ficcionalidade literária. Não se deve tomar o texto literário como objeto autotelicamente definido, mas sim como evento estético-antropológico de que fazem parte as circunstâncias de sua produção e sua recepção. As formulações iserianas encarecem o modo pelo qual o texto de ficção consegue se estabelecer como comunicação, ainda que com suas características particulares, características essas que salientam o “vazio central à experiência” (Iser 1979:86) e a carência como marco da “assimetria fundamental entre texto e leitor” (Iser 1979:88). A teoria iseriana reconhece que as contingências do fenômeno literário devem estar representadas em um jogo performático que inclui autor, texto e leitor.

A ideia de *jogo do texto* recebe interesse especial na obra de Iser e adquire bastante sofisticação em sua tese sobre a emergência da literatura a partir da relação entre o fictício e o imaginário. O jogo é não só um “conceito capaz de cobrir todas as operações levadas a cabo no processo textual” (Iser 2002:106), mas também, em última instância, um meio pelo qual podemos nos constituir a nós mesmos. Por causa disso, o teórico alemão considera o jogo como “o ponto de partida para uma antropologia literária” (Iser 2002:118).

Iser é um autor que nunca foi confortavelmente admitido dentro de uma única doutrina de pensamento, não obstante sua relevância dentro dos movimentos contíguos da estética da recepção e da estética do efeito, movimentos que integram a rubrica conhecida como “Escola de Constança”. O crítico inglês Terry Eagleton, em seu livro *Teoria da literatura: uma introdução*, excelente volume para iniciação à teoria literária, dedica um capítulo único a três vertentes nas quais vê concordâncias e discordâncias mútuas: a Fenomenologia, a Hermenêutica e a Teoria da Recepção.

O critério de Eagleton leva em conta uma espécie de continuidade abarcadora de pontos de dissidência no pensamento estético-filosófico da Europa, situado entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a década de 1970. Nesse arco temporal, a importância tardia da teoria da recepção favorece a legitimação do leitor como agente que concretiza a obra literária, mesmo que, para tanto, o leitor tenha de exercer capacidades críticas que, segundo Eagleton, “sempre são definidas de maneira problemática” (Eagleton 2006:121).

É complicado tentar circunscrever o território onde se localizam os problemas conceituais abordados por Wolfgang Iser. Por um lado, há que se considerar o iridescente e complexo discurso que modula seu texto, por outro, observa-se a pulverização das tendências críticas que se seguiram ao estruturalismo e à desconstrução, as quais tendem a reconhecer o valor interdisciplinar do gênero *teoria*. São designadas como teoria, de acordo com a opinião de Jonathan Culler, as “obras

que conseguem contestar e reorientar a reflexão em campos outros que não aqueles aos quais aparentemente pertencem.” (Culler 1997:3)

Vejamos o caso de *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Parece que a metodologia iseriana se deixa contaminar por um pressuposto ficcional ardiloso, à proporção que a hipótese central do livro alcançaria seu ápice argumentativo, o que se dá no antepenúltimo capítulo do livro. É curioso notar que, em Iser, não existe nem poetização da linguagem analítica, nem hermetismo do comentário. Mesmo assim, há talvez uma precariedade esquemática que faz suas formulações conceituais deslizarem estranhamente entre o campo da hipótese e o campo da ficção.

Ora, a confusão entre um argumento de base fictícia e um argumento de base hipotética se inscreve, primeiramente, em uma arena metodológica, a qual não deixa de implicar, em segundo momento, insegurança no estatuto epistemológico que a construção teórica iseriana desenha para seu leitor. A questão é que Iser não assume *in limine* este atrito entre hipótese e ficção, embora o desenvolvimento final de seu livro pareça indicar tal coisa. Tomemos, portanto, a teoria iseriana como uma narrativa problemática que, não obstante seus pontos cegos, constitui certamente uma teoria da ficcionalidade literária.

Conceitos e aporias

Iser defende que os conceitos de fictício e de imaginário não podem ser ontologicamente definidos, pois sua apreensão somente pode ser feita mediante suas próprias manifestações. Não temos acesso ao fictício e ao imaginário enquanto categorias puras, mas apenas às suas atualizações. Descrever as manifestações do fictício e do imaginário é, de fato, compreender o tipo fundamental de interação de onde pode emergir a literatura.

O imaginário não possui um potencial autoativador e depende, portanto, de outra agência para ser posto em ação. Assim, é o fictício que ativa o imaginário, e provê um meio para sua aparição. O fictício compele o imaginário a assumir uma forma, posto que o imaginário é vago. Uma vez que todo ato de fingir supõe a transgressão de limites, Iser procura analisar aquilo que chama de implicações antropológicas da ficcionalidade literária. Esta indicaria uma posição excêntrica do homem, o qual não pode ser presente para si mesmo nem pode coincidir consigo próprio.

É interessante notar como a noção de antropologia literária, proposta por Iser, baseia-se em um elemento aditivo e virtual que é produzido no processo de leitura, mas que não necessariamente está presente na obra literária. Este elemento, que impulsiona a transgressão de limites, jamais poderia existir sem a dinâmica do *jogo do texto*. A respeito da necessidade humana de produzir e consumir ficção, Iser argumenta que o ato de criar representações é inerente à

condição humana e que a realidade não deve concebida como limitação do possível:

A encenação pode ser considerada uma condição transcendental que permite perceber algo de intangível, propiciando ao mesmo tempo a experiência de alguma coisa que não se pode conhecer. Talvez por essa razão exista a literatura. (Iser apud Rocha 1999:77)

Ainda de acordo com Iser, a qualidade dos textos literários se fundamenta na capacidade de produzir algo que eles próprios não são, isto é, de produzir algo que seja da ordem da ficção. Sucede que, em determinado momento da era moderna, a “ficção se torna fictícia” (Iser 1996:119), e o discurso filosófico tem de aceitar a duplicidade constituinte da ficção: “ela se funda naquilo que produz” (Iser 1996: 154), afirma o teórico alemão. Assim, entidades fictícias existem apenas no discurso, mas se diferenciam das realidades discursivas por elas produzidas.

Os pontos de indeterminação

De modo comparativo, Terry Eagleton compreende a estética da recepção como uma derivação, na Alemanha, da hermenêutica clássica, a qual, no entanto, se distingue desta última pela atenção a textos modernos e contemporâneos. Do ponto de vista de Iser, que, aliás, corrobora a opinião de Ingarden, a literatura moderna possui como especificidade, se cotejada com registros literários de outras épocas, o fato de apresentar maior opacidade em relação aos pontos

de indeterminação. Citando textualmente o teórico polonês, Iser destaca como

Ingarden acidentalmente observa que a literatura moderna é problemática com suas “incompreensibilidades muitas vezes declaradas, em certa medida programáticas”, para as quais não é capaz de encontrar uma verdadeira entrada. (Iser 1979:99)

Consequentemente, a diferença fundamental entre a hermenêutica e a teoria da recepção reside na questão da viabilidade ou não da concretização do sentido do texto. “A hermenêutica clássica não considera a possibilidade de que as obras literárias sejam difusas, incompletas e internamente contraditórias, embora muitas razões nos levem a supor isso” (Eagleton 2006:113), avalia Terry Eagleton.

Com efeito, Iser salienta que a quebra das estruturas narrativas, a linguagem intencionalmente caótica e a emergência dos vazios no texto mostrariam como os pontos de indeterminação “tendem a se tornar confusos e incontroláveis em relação à recepção” (Iser 1979:99) do objeto literário. Nota-se como os princípios iserianos se movem rumo ao paradoxo, ao identificarem um caráter regulador nas lacunas textuais e nas negações nelas contidas. Ao concluir que o efeito final dos vazios é servirem de *instâncias de controle*, uma vez que “os vazios regulam a atividade de representação do leitor, *que agora segue as condições postas pelo texto*” (Iser 1979:91, grifo nosso), Iser elabora uma relação tão problemática entre vazio e controle a ponto de ela

interferir na autonomia delegada ao leitor, restringindo a participação deste último como intérprete do texto.

Terry Eagleton, que não ficou imune às declarações paradoxais das teses iserianas, criticou, com muita perspicácia, aquilo que denominou de “os limites do humanismo liberal de Iser” (Eagleton 2006:125). O crítico inglês percebeu que tais limites punham em xeque o pilar que sustenta a estética da recepção — o suposto privilégio dado ao leitor na prática da leitura.

As indeterminações textuais apenas nos estimulam a aboli-las, substituí-las por um significado estável. Na expressão reveladoramente autoritária de Iser, elas devem ser “normalizadas”, ou seja, domesticadas e sujeitadas a uma firme estrutura de sentido. O leitor, ao que parece, empenha-se tanto em lutar contra o texto quanto em interpretá-lo, esforçando-se para fixar o seu potencial “polissêmico” anárquico em uma estrutura controlável. Iser fala abertamente da “redução” desse potencial polissêmico a alguma forma de ordem — uma maneira curiosa, poderíamos pensar, de um crítico “pluralista” falar. (Eagleton 2006:124)

Dentre os vários e interessantes conflitos que emanam da obra de Wolfgang Iser, há que ser considerada uma questão de ordem fenomenológica que se situa entre a ficção e a hipótese. Quando expõe os limites de sua teoria do fictício e do imaginário, Iser detecta, em Beckett, “uma consciência que suspendeu sua própria intencionalidade, razão pela qual o imaginário não mais pode ser preparado para uma determinada aplicação” (Iser 1996:283). Esta afirmação introduz um problema que não foi oportunamente inventariado por Iser, mas que, se cotejado com os temas capitais de

sua obra teórica, estimula o reconhecimento de um grande ponto cego que demonstraria quão complicados são os princípios metodológicos que regem o trabalho do autor.

As contradições da ficcionalidade literária

A recorrente utilização, pela teoria literária, do conceito de consciência deve-se à necessidade de certas correntes críticas buscarem subsídios, na teoria da consciência, para descrever e classificar os agenciamentos entre autor, texto e leitor em uma obra de ficção. A compreensão do conceito de consciência é tanto mais útil quanto maior for a tarefa de conhecer melhor as propriedades dele decorrentes, como a ficção, o imaginário e a intencionalidade.

Considera-se habitualmente que os assim chamados estados conscientes possuem intencionalidade, isto é, visam a um objeto determinado e são providos de um conteúdo referencial. Vista do ângulo fenomenológico tradicional, a noção de intencionalidade diz respeito a uma propriedade tética da consciência. Em Husserl, desenvolve-se uma perspectiva um tanto limitadora da relação entre o mundo e a consciência, perspectiva que tende a reduzir os objetos externos ao comando de nossa consciência. Segundo Terry Eagleton, o problema considerado como *redução fenomenológica* consiste em tratar, de maneira abstrata, todas as realidades como se fossem puros fenômenos:

Os objetos podem ser considerados não como coisas em si, mas como coisas postuladas, ou “pretendidas”, pela consciência. Toda consciência é consciência de alguma coisa: no pensamento, tenho consciência de que meu pensamento está “voltado para” algum objeto. O ato de pensar e o objeto do pensamento estão internamente relacionados, são mutuamente dependentes. (Eagleton 2006: 84)

Modernamente, o campo de estudos sobre a consciência tem estado mais sujeito a influências e aportes de outras áreas do conhecimento. O flanco aberto por John Searle, por exemplo, ainda incomoda muitos setores da crítica acadêmica, que permanecem recalcitrantes com suas declarações sobre o papel do cérebro na constituição gnosiológica da mente humana.

Apesar de a intencionalidade ser compreendida como uma das principais características da consciência, Searle tenta reagir às correntes filosóficas que a tomam como atributo exclusivo desta última. De acordo com o autor, define-se a intencionalidade como “a característica de certos estados e eventos mentais que os faz (num sentido específico das palavras) *se direcionar a, tratar de, pertencer a ou representar* outras entidades e estados de coisas”. (Searle 2010:121. grifos do autor) Em última instância, para John Searle, a intencionalidade é causada pela e realizada na estrutura do cérebro — tese escandalosa, se comparada à concepção fenomenológica ortodoxa, que sequer considera a existência de um órgão como o cérebro atuando no psiquismo humano.

Ainda segundo Searle, não seria possível estabelecer uma ligação imediata entre consciência e intencionalidade, porque há uma

distinção entre as formas conscientes e inconscientes de intencionalidade:

[...] nem todos os estados conscientes são intencionais, assim como nem toda intencionalidade é consciente. A ansiedade difusa, por exemplo, falta intencionalidade, e as crenças que uma pessoa tem, mesmo quando está dormindo, não são imediatamente conscientes nesse momento. (Searle 2010:65)

A concepção searliana destaca-se por oferecer uma interpretação da relação entre consciência e intencionalidade, interpretação esta que favorece a visualização de uma zona de indeterminação entre as duas instâncias a ser explorada pelos filósofos. Ambos os exemplos mencionados são interessantes, mas resta analisar como se produziriam tais momentos de perda do estatuto consciente da intencionalidade, caso uma teoria estrita da consciência seja o bastante para interpretar esses desvios. Para Searle, aquilo que define a consciência enquanto tal não é o fato de possuir uma intencionalidade dirigida para algo, e sim o fato de ser “um estado no qual o cérebro se encontra”. (Searle 2010:69)

Admita-se que o argumento de John Searle, com ênfase na neurobiologia, soe um tanto distante do discurso tradicional da filosofia e sua preferência pela abordagem fenomenológica da consciência. Mas a crítica searliana, com todas as suas idiossincrasias sobre a mente e o cérebro, incide sobre a relação conceitual entre consciência e intencionalidade, derrubando a barreira do regresso ao infinito, suposta pela concepção tética que advoga a inclusão do

mundo na consciência, inclusão que não se dá de modo real, e sim intencional.

De acordo com Searle, existiria uma intencionalidade *como se*, que “se comporta como se tivesse intencionalidade, embora não a tenha de fato”. (Searle 2010:189-190) Haveria — como condição irreal ou condição ficcional —, estados intencionais representativos, mas sem “tematicidade” (Searle 2010:193), isto é, estados intencionais sobre nada, desprovidos de conteúdo referencial ou proposicional.

Voltando a Iser, ainda que ele próprio não tenha sinalizado de que maneira seria possível interpretar o caso de Beckett, supõe-se que o problema do modo de existência de uma consciência sem intencionalidade se localize entre a hipótese e a ficção e gere, portanto, uma dificuldade de nomenclatura conceitual. A diferença entre a hipótese e a ficção, tal como desenvolvida por Hans Vaihinger, filósofo que exerceu inequívoca importância sobre Wolfgang Iser, concerne à possibilidade de verificação posterior de determinada pretensão factual, conforme ou não a uma realidade dada:

Enquanto toda hipótese pretende ser a expressão adequada da realidade ainda não conhecida, a cópia apropriada dessa realidade objetiva, a ficção se instala com a consciência de ser um modo inadequado, subjetivo e imagístico de representação, cuja coincidência com o real se exclui desde o princípio. Trata-se, portanto, de um modo de representação que não é passível de verificação posterior, como se espera fazê-lo no caso da hipótese. (Vaihinger 2011:497)

Nota-se, no final das contas, que a aparente dissociação entre consciência, intencionalidade e imaginário fundamenta o problema

não resolvido por Iser, ao falar sobre a obra de Samuel Beckett. O autor de *Imagination Dead Imagine* representa não uma antítese às suas formulações teóricas, mas, diríamos, uma expectativa distinta, uma *diferença*, no que concerne ao papel do vazio na ficcionalidade literária. Não se deve esquecer que, em Wolfgang Iser, a própria definição de ficcionalidade literária aceita a contradição em termos, na medida em que é caracterizada “por uma negatividade que possibilita a copresença de posições incompatíveis entre si”. (ISER 1996:97)

Ocupar o vazio

Cioran, grande amigo de Beckett, tentou inutilmente encontrar uma tradução, em francês, pertinente para *Lessness*, título que o dramaturgo irlandês dera a uma pequena peça de 1970, célebre pela desconstrução e repetição das frases. Para Cioran, a palavra *Lessness* denotava “uma mistura de privação e de infinito, vacuidade sinônima de apoteose” (Cioran 2000:66) e a preposição *Sans* — afinal escolhida para o título da obra em francês — não seria muito bem compatível com o vocábulo original, pois “não existia substantivo francês capaz de exprimir a ausência em si, a ausência em estado puro”. (Cioran 2000:66)

A imensa contribuição legada por Wolfgang Iser para o estudo da ficção moderna mostra aos que se arriscam em criticar sua obra quão difícil é conceituar a instância do vazio, a categoria central da

ficcionalidade literária. Comentador e admirador de Wolfgang Iser, Costa Lima encarece a função capital desse conceito tanto na obra do teórico alemão quanto nos ensinamentos que dela tem retirado para seu trabalho. “Para que o vazio tenha a potência que reconhecemos, será necessário que o receptor leve a cabo e atualize a transgressão informe do imaginário” (Lima 2006:286), salienta Costa Lima, com os rodeios próprios de um teórico da ficcionalidade literária.

À moda de Iser, que se esquivou de fechar a questão que seu livro postula e de dar ao vazio contornos dogmáticos, podemos dizer que “o lugar vazio provoca ocupações imaginárias” (Iser apud Rocha 1999:248), quer venham elas para controlar o ritmo desenfreado de representações projetivas do leitor, quer venham elas para liberar o potencial de sentidos do *jogo do texto*. De qualquer modo, o vazio apela para a falta — erro e lacuna essenciais para a experiência humana e para a ficcionalidade literária.

Referência bibliográfica

- CIORAN, E.M. 2000. Beckett. In: —. *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Tradução de José Tomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco. pp. 64-70.
- CULLER, Jonathan. 1997. *Literary theory: a very short introduction*. New York: Oxford University Press.
- EAGLETON, Terry. 2006. Fenomenologia, Hermenêutica, Teoria da Recepção. In: —. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes. pp. 83-136.
- ISER, Wolfgang. 1996. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj.
- _____. 1979. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 83-132.
- _____. O jogo do texto. 2002. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, pp. 105-118.

LIMA, Luiz Costa. 2006. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.

ROCHA, João Cezar de Castro. 1999. (org.) *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Eduerj.

SEARLE, John R. 2010. *Consciência e linguagem*. Tradução de Plínio Junqueira Smith. São Paulo: WMF Martins Fontes.

VAIHINGER, Hans. 2011. *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*. Tradução de Johannes Kretschmer. Chapéco: Argos.